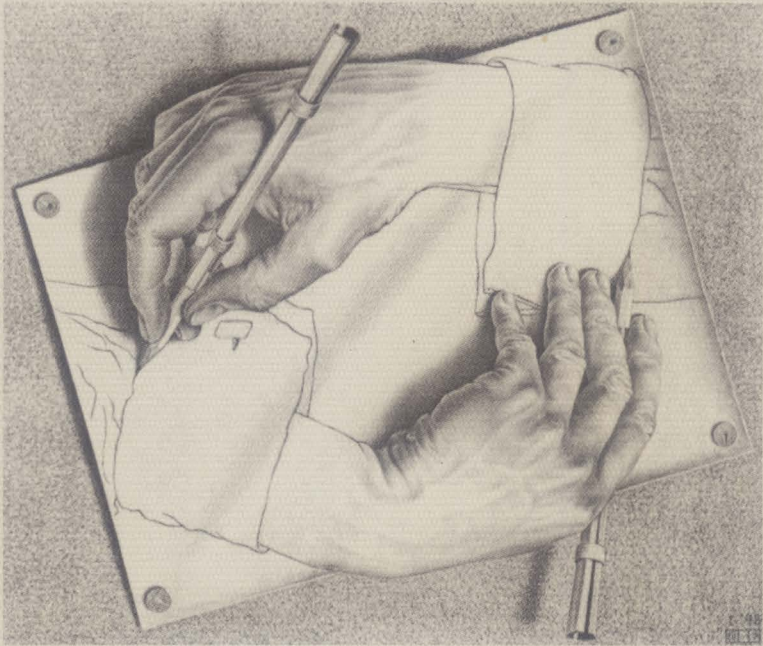


Runa

Revista Portuguesa de Estudos Germanísticos

Tradução
Übersetzung



27

1997-98

Edição patrocinada pela Fundação para a Ciência e Tecnológica

Capa e direcção gráfica: Vasco Rosa

Ilustração da capa: M. C. Escher "Drawing hands"

© 1999 Cordon Art BV - Baarn-Holland. All rights reserved.

Composição: Marina Piedade Ferreira

Impressão: Inova (Porto)

Tiragem: 800 exemplares

ISSN: 0870-0672

Depósito legal: 43.401/91

Distribuição: Livraria Ler, Rua Almeida e Sousa, 24 C - 1350 Lisboa

Preço do número/Assinatura anual: Portugal 2000\$00, Estrangeiro 3000\$00

Pedidos à Redacção

Rainer Maria Rilke, *Ewald Tragy*, Lisboa, Relógio d'Água Editores, 1997. Tradução e prefácio de Cláudia Fischer, 64 pp.

É com satisfação que encontramos nos escaparates das livrarias uma nova versão portuguesa de *Ewald Tragy*, narrativa curta que o seu autor nunca publicou em vida e o grande tradutor português de Rilke, Paulo Quintela, nunca verteu para a nossa língua (encontrar-se-á alguma novidade a este respeito no seu espólio?).

Não há muitos anos fora publicada uma versão da mesma obra, integrada na colectânea *Histórias do Bom Deus e outros textos*, publicada pela editora Livros do Brasil em 1989, como a própria tradutora também refere (p. 63). O que pode motivar uma germanista da camada mais jovem a empreender esta tarefa? Supomos que muitas razões, a começar pelo gosto pelo próprio texto que, sendo uma obra de juventude, é já tão palpavelmente Rilke; a lacuna deixada por P. Quintela e o desejo de resgatar um texto aparentemente «enjeitado»; o impulso ético de apresentar uma versão responsável e literariamente contextualizada, sobretudo dado o facto, inadmissível, de a grande parte das mais recentes traduções de prosa rilkiana – e a versão anterior de *Ewald Tragy* não escapa a essa regra – serem feitas a partir do francês. Estas motivações parecem realmente ter presidido ao trabalho ora apresentado. São disso indício o facto de a tradução ter sido elaborada a partir do original, bem como a existência de um prefácio orientador e a apresentação de uma breve lista de bibliografia de Rilke em português, incluindo textos rilkianos e bibliografia crítica.

O prefácio, em si claro e estruturado, coloca a tónica na dimensão autobiográfica da obra, interpretação que sai acentuada pelo facto de a contracapa isolar um trecho que desenvolve justamente essa ideia. Depois de se apontar como tema central o da despedida, estabelecem-se paralelos entre a partida de Tragy e a sua chegada a Munique e, por outro lado, a experiência vivida por Rilke quando, ao deixar para trás Praga e a família, procura encontrar-se como homem e poeta naquela mesma cidade – especial referência merecem as relações com o pai, a mãe, o encontro com Lou e a convivência com escritores de Munique. A tradutora inclina-se a ver precisamente nesta dimensão autobiográfica, no testemunho demasiado desvelado e por vezes impiedoso, na intenção satírica em relação a figuras a quem o próprio Rilke não deixava de considerar, uma das razões que o poderão ter levado a nunca publicar esta pequena narrativa. Outra grande razão seria «a evidência de estarmos perante um texto de juventude cujo estilo é ainda taceante, a forma pouco acabada e, em alguns passos, desarticulada» e também «o facto de estarem nele contidas, como que em embrião, imagens e ideias que irão ser recuperadas e estilizadas na sua obra mais tardia», exemplificando-se a este respeito com a Oitava Elegia (p. 12, nota 2). É certo que se reclama a necessidade de ver a obra «de um ângulo mais correcto», reconhecendo nela «uma vivacidade e espontaneidade na descrição de

ambientes interiores e exteriores» e «o uso peculiar da linguagem, em que se destaca um estilo oral», mas a autora volta a insistir na «insegurança» e no «escasso rigor formal» (p. 13). Com a interpretação autobiográfica e as reticências colocadas às qualidades literárias talvez não se faça a devida justiça a esta pequena obra-prima, parecendo faltar alguma coragem para valorizar devidamente as realíssimas qualidades desta prosa, acerca da qual um famoso crítico afirmava ser necessário procurar muito para se encontrar entre aqueles que então, e logo depois, escreviam em alemão alguém capaz de um estilo com esta ductilidade e esta ironia e finura crítica – acrescentando que só talvez um jovem com o nome de Thomas Mann pudesse ser mencionado. Interessante seria mostrar como a nível motivico e estilístico já se anuncia aqui bem o *Malte*, certamente a obra que, no contexto em que vai funcionar a tradução, mais depressa se associa ao nome de Rilke: a chegada à grande cidade, os primeiros contactos com locais e atmosferas novos através de percepções sensitivas, entre as quais destacadamente as olfactivas, o acomodar-se nos quartos de alugar simultaneamente impessoais e carregados de vivências, o corpo-a-corpo com os objectos a um tempo quotidianos e estranhos, o convívio com vizinhos «fantasma», o encontro consigo mesmo no exercício da solidão, a prática do olhar, e já também a contração de uma ética do trabalho a uma concepção romântica da escrita como fruto da inspiração (aqui encarnadas nas figuras de Thalmann e de von Kranz), para só referir alguns aspectos.

No que respeita à bibliografia acompanhante (pp. 63-64), ela aparece-nos,

quer no que respeita aos textos rilkeanos quer aos textos críticos sobre Rilke em português, muito incompleta e/ou imprecisa em muitas das suas referências (incompreensível, por ex., a falta de qualquer referência às versões portuguesas do *Malte* e do *Cornet* por Quintela (qualquer delas com mais de uma edição), enquanto, por outro lado, se enunciam duas das aliás várias edições da tradução das *Cartas a um [jovem] poeta*, por Fernanda de Castro, ou a tradução do *Cornet* por Cecília Meireles).

Numa avaliação global do trabalho de tradução, podemos dizer que se trata de um trabalho honesto, que procura estar atento ao original, como se infere por exemplo da preocupação em esclarecer alguns dos seus pontos obscuros. Como aspectos positivos refiram-se, por ex., certa diferenciação conseguida pelo uso de perífrases verbais, boas soluções para os difíceis adjectivos substantivados como «der Schwarze» (cfr. p. 53), a resolução correcta, e talvez a menos espontânea, de alguns duplos sentidos (por ex., «er ist aufrichtig bei der Sache», traduzido por «prosseque de corpo e alma», e não no sentido de «est sincère dans ses opinions», como se lê na versão francesa das Edições du Seuil). Seguiu-se rigorosamente o princípio de traduzir do original, ainda que deva acrescentar-se que, em termos absolutos, não parece falta, antes virtude, a consulta de traduções para outras línguas [no caso presente, talvez a leitura da mesma versão francesa fornecesse algumas boas sugestões, por exemplo uma resolução co-textualmente mais justificada para o ambíguo «dems sehr schlecht gungen ist.» (*Ewald Tragy*, Insel-Verlag, 1959, p. 32), que alude a

uma questão financeira e não a uma questão de saúde (cfr. p. 41), bem como para a tradução de «Es trägt nichts» (*E. Tragy*, p. 22), que também implica a ausência de proveitos pecuniários e sociais de uma ocupação como poeta e não o uso de quaisquer distintivos (cfr. p. 33), ou para o passo da comparação com os ovos de Colombo (cfr. p. 47)].

Procurando agora encontrar o princípio informante do trabalho de tradução de uma pequena obra de um escritor já amplamente conhecido no meio de chegada, um autor que também entre nós pode considerar-se um «clássico» – como anuncia o título da colecção em que o volume se integra –, talvez se possa dizer que, num movimento assimilatório, a tendência vai no sentido de encontrar uma linguagem actual, imediata e sem rodeios. Reside aqui, aliás, o aspecto que nos parece merecer as maiores reservas. O estilo de Rilke torna-se demasiado directo e chão, as relações entre as figuras, no original tão formais, cautelosas e reticentes, surgem algo desproblematizadas e trivializadas. Como exemplo, este pequeno trecho do diálogo, tenso, entre Tragy e o pai, depois de o jovem anunciar a decisão de partir:

«Oh, tendes cá uns conceitos → o jovem põe um ar muito indignado.

«É que já não somos deste tempo», diz o velho senhor, «e basta.»

«Aí é que está →», diz Tragy, o filho, triunfante, «são do tempo da Maria Cachucha, cobertos de pó, ressequidos, de resto →»

«Não grites», comanda o inspector, deixando transparecer o velho oficial dentro de si.

«Não me digas que não tenho o direito →»

«Cala-te!»

«Posso falar →»

«Fala →», diz o Senhor Tragy com desprezo. (p. 22).

Encontram-se coloquialismos e modalizações coloquializantes como «Ó filha» (p. 36), «está a escrever uma coisa em grande» (p. 46), «é cá um golpe, não é?» (p. 49), «O teu chapéu está mesmo cheio de pó» (p. 18), «gostei mesmo de aqui estar» (p. 42), «diz-me lá», «matutar», «escarafunchar», que destoam da época, da situação específica em que se encontram as personagens e do seu perfil psicológico e social. Neste mesmo sentido vão as formas de tratamento, um problema sempre delicado de resolver: por ex., o «você» e o «menina» escolhidos para o diálogo entre Tragy e Fräulein Jeanne (p. 32, *passim*), além de não harmonizarem entre si, não representam uma boa solução nem a nível diafásico nem diastrático. A propósito desta figura feminina, dada a tendência essencialmente assimilatória do todo, talvez se justificasse a tradução de «Fräulein» por «Mademoiselle», já que era assim que se chamava às jovens de origem francesa que numa determinada época desempenhavam nas nossas casas burguesas uma função equiparável à de Jeanne. A tradução de indicadores sócio-económicos, culturais e civilizacionais denota, pois, alguma insegurança, como o revelam ainda por exemplo a tradução de «Lampe» por «candeia» (que sugere um ambiente rural) ou de «Wirtshaus» por «taberna», bem como certa flutuação e inconsequência interna na tradução de topónimos, antropónimos, produtos gastronómicos (por exemplo «Sauerkohl», vertido por «choucrou-te»). A leitura biografista e historicizante da obra que o prefácio apresenta, até mesmo a integração do volume nu-

ma colecção de «Clássicos», geram a expectativa de uma outra equação entre elementos de tipo assimilatório e dissimilatório.

Num plano estilístico mais geral, a frequente transformação da coordenação sindética ou assindética em orações relativas, gerundivas e infinitivas contribui igualmente para tornar mais enérgico e indiferenciar o estilo algo debussyano desta prosa, o mesmo sucedendo com uma selecção lexical de tipo intensificativo e/ou desajustado (por exemplo, «muito esqualida», para tradução de «sehr blaß»; «andrajoso», para «schäbig») ou algumas soluções encontradas para traduzir o duplo adjectivo, não isentas do seu quê de artificialismo: «uma pequena janela alta», «este fino odor murcho», «a nova energia repousada» (59; *ibid.*; 60) ou então «o estranho e húmido quarto» (59).

Talvez um dos critérios de referência para o trabalho de tradução pudesse

consistir em mostrar a novidade desta prosa tão atenta às *nuances* e ao subentendido, a sua fina ironia, o carácter experimental e inovador de algumas técnicas narrativas – por exemplo, articulações ou transições deslizantes entre uma situação narrativa autoral e uma situação narrativa figural, para usar a terminologia de Stanzel –, evidenciar como aqui já se contêm «em embrião» não só imagens e ideias como inúmeros estilemas rilkeanos. Sob este aspecto, a tradução deixa-nos certamente insatisfeitos. Mas o trabalho desenvolvido, os conhecimentos de alemão revelados fazem-nos esperar mais desta tradutora, sendo certo que a divulgação dos escritores de língua alemã em Portugal constitui uma das tarefas que aos germanistas competem.

Maria António Ferreira Hörster